PRÁTICAS MUSICAIS NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFCG: caminhos e possibilidades

Comunicação

GTE 06: Educação Musical em cursos de Pedagogia: pesquisas e práticas

Marisa Nóbrega Rodrigues
Universidade Federal de Campina Grande
marisa.nobrega@professor.ufcg.edu.br

Resumo: Este trabalho tem como objetivo relatar práticas musicais desenvolvidas ao longo da disciplina Arte na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental (Música), do curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Campina Grande, enfatizando, especialmente, aquelas ocorridas no período 2026.1. Para tanto, ancoramo-nos em pesquisadores que abordam práticas músico-pedagógicas, com vistas à formação musical de estudantes de Pedagogia (Rodrigues, 2021; Bellochio, 2017; Bellochio; Figueiredo, 2009; Schneider e Bellochio, 2026). Assim, apresenta-se, inicialmente, a construção de instrumentos alternativos e sua utilização na contação de histórias sonorizadas. Ressalta-se, posteriormente, experiências conjuntas entre dois cursos: música e pedagogia. Ainda, com o uso da percussão corporal e da fala ritmada, evidencia-se duas experiências realizadas a partir de texto construído com a participação das alunas. Por fim, adentra-se no contexto da música contemporânea e discute-se a respeito de experiências de composição coletiva com o uso de chaves e com sons da paisagem sonora do ambiente daquela instituição. Como resultado, vê-se que essas experiências práticas promovem a formação musical de estudantes de pedagogia, por meio de um fazer musical criativo, priorizando a participação coletiva e as experiências prévias das estudantes, sensibilizando-as ao mundo sonoro em que vivem.

Palavras-chave: educação musical; pedagogia; práticas musicais.

Introdução

O curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) oferta a disciplina Arte na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, com um total de sessenta horas, divididas entre quatro linguagens: dança, teatro, artes visuais e música. Para este relato, evidenciaremos práticas referentes à construção de instrumentos alternativos e às atividades conjuntas entre os cursos de Pedagogia e Música. Ainda, refletiremos em torno das práticas musicais desenvolvidas no período 2026.1. Vale salientar que o critério de escolha se deu pelo sentido dessas práticas para a formação musical das estudantes de Pedagogia.

Durante o período 2026.1, observamos que um pequeno número de alunas possuía experiências prévias com o fazer musical: algumas tocavam uKulelê, flauta doce, e boa parte delas não possuía experiências sistematizadas com música. No entanto, eram boas ouvintes e utilizavam a música em diferentes situações. Foi com base nas relações instituídas nesse grupo, no encontro com o outro, nas rodas de conversas realizadas nas aulas, nas relações de troca, que se instituiu o processo de formação de estudantes de Pedagogia. Nesse sentido, ressaltamos Schneider e Bellochio (2026) que concebem o grupo

> [...] não como reunião de trajetórias individuais, mas como território formativo que se constitui nas relações estabelecidas entre sujeitos, saberes, tempos e histórias. Esse território se organiza e se produz no entre, em movimentos que articulam convivência, escuta, negociação e produção de sentidos compartilhados. Essa perspectiva consiste em afastar-se de compreensões centradas em percursos individuais e lineares para reconhecer processos formativos que se constroem na relação com o outro, no convívio e na experiência coletiva. (p. 03).

Nesse contexto, buscamos realizar práticas coletivas que incluíssem essas experiências musicais e culturais das estudantes, como veremos adiante. Para tanto, dialogamos com educadores da área que discutem em torno do ensino de música na formação de pedagogos e pedagogas (Rodrigues, 2021; Bellochio, 2017; Bellochio; Figueiredo, 2009; Schneider e Bellochio (2026). Ainda, apoiada em educadores musicais como Brito (2003), Penna (2012), Werle (2011), Reys (2011), Cunha (2019), refletiremos em torno de práticas pedagógico-musicais abordadas neste relato.

Vale lembrar que priorizamos fazer música com as alunas de Pedagogia, tomando como base a escuta atenta das ideias umas das outras, buscando realizar vivências que conduzam ao aprendizado de conceitos da linguagem musical. Dentre essas, evidenciamos práticas didático-pedagógicas por meio do canto (Bellochio; Figueiredo, 2009), do ritmo e da fala (Penna, 2012), além de atividades que contemplam a estética da música contemporânea (Schafer, 1991). Seguem-se, assim, práticas musicais que se constituíram no processo de ensino-aprendizagem com alunas do curso de Pedagogia.

Construção de instrumentos musicais alternativos

Construir instrumentos musicais com materiais recicláveis e de baixo custo é uma prática importante no âmbito do curso de Pedagogia da UFCG. A cada semestre letivo, reservamos algumas aulas para a construção de instrumentos musicais alternativos. Brito (2003) diz que "[...] a construção de instrumentos estimula a pesquisa, a imaginação, o planejamento, a organização, a criatividade, sendo, por isso, ótimo meio para desenvolver a capacidade de elaborar e executar projetos" (p. 69).

Para isso, contamos com a colaboração da oficina do professor Romero Damião que, gentilmente, conduz as oficinas, fornecendo todo o material necessário. De maneira geral, devido ao curto tempo, os instrumentos construídos são da família da percussão – chocalhos, tambores (Feliz, 2002) – no entanto, houveram semestres que foram construídos flautas de cano de pvc e outros instrumentos de elaboração mais complexa.

Após a construção dos instrumentos alternativos, experimentamos várias formas de utilização: acompanhando canções e parlendas; realizando atividades de experimentação sonora de maneira coletiva, entre outras. Esses instrumentos são, também, utilizados na contação de histórias sonorizadas (Rodrigues, 2021; Werle, 2011; Reys, 2011; Cunha, 2019), compondo, assim, junto a outros materiais sonoros - folhas secas, sacos plásticos, brinquedos sonoros etc. – um mosaico sonoro que dão vida aos personagens das histórias criadas pelas estudantes, como veremos adiante.

Vivências entre dois cursos: Música e Pedagogia.

No intuito de realizar propostas conjuntas com o curso de música da UFCG, em alguns semestres, foi possível realizar atividades entre estudantes do curso de Pedagogia e do curso de licenciatura em música da UFCG, por meio da disciplina de canto coral, ampliando assim, as vivências musicais dos discentes envolvidos nesse processo.

Concomitantemente às atividades da disciplina de canto, como ponta pé inicial, as alunas do curso de Pedagogia obtiveram pequenas noções de canto por meio de exercícios de

respiração, vocalises e práticas de canto em uníssono. Em seguida, ancorados em Bellochio e Figueiredo (2009), experimentaram diferentes formas de cantar uma canção:

> [...] você pode cantá-la de boca fechada, procurando ouvir cuidadosamente os movimentos da melodia enquanto canta; pode também cantá-la com uma vogal apenas (por exemplo, cante toda a melodia com a vogal "a", depois "u", e assim por diante), procurando emitir sons homogêneos do começo ao fim do trecho musical. A canção também pode ser cantada com sílabas: "lá", "lu", "pá", são algumas possibilidades (p. 42).

Se, por um lado, as alunas de Pedagogia aprenderam a cantar a primeira voz do repertório adotado pela turma de canto, por outro, os estudantes do curso de música ensaiavam tanto a primeira voz quanto a segunda. Assim, nesse cenário, as estudantes, além de cantar a melodia principal em uníssono com o côro de alunos do curso de música, acompanhavam as canções executando ritmos, em alguns trechos das obras, com instrumentos musicais alternativos construídos durante o desenrolar da disciplina.

Ainda, vale ressaltar que, em uma das turmas de Pedagogia, havia um aluno e uma aluna participantes de um grupo de dança folclórica da cidade. Alinhada à ideia de Maura Penna (2012) de que é "[...] é preciso construir pontes [...] apoiadas sobre a vivência real cotidiana [...]" (p.46), resolvemos aprender a canção *Araruna*, com as duas turmas – Pedagogia e canto coral. A escolha dessa canção deu-se pelo fato de ser uma das músicas do repertório do grupo de dança que os discentes faziam parte. Realizamos, assim, um arranjo elaborado de maneira coletiva.

Dessa maneira, alguns estudantes do curso de música executaram violão, violoncelo e violino, enquanto os outros cantavam e, no caso específico, as alunas de Pedagogia cantavam e executavam os instrumentos musicais alternativos realizando a pulsação e, por vezes, o ritmo real e, também, realizando ostinatos, enquanto o aluno e a aluna dançavam uma coreografia ao som da música executada, *Araruna.*

Essas experiências fortaleceram o aprendizado de música em contextos diferentes daqueles comumente específico da sala de aula de Pedagogia, pois os estudantes, além de dançarem, tiveram contato com instrumentos tradicionais e puderam utilizar os instrumentos musicais alternativos construídos, acompanhando a turma de canto coral, que cantavam a

duas vozes. Assim, observa-se que essas atividades oportunizaram um fazer musical cheio de sentido para aquelas turmas.

Além disso, os estudantes do curso de música foram beneficiados, considerando que existia escassez de vozes femininas nas turmas de canto coral. Ressaltamos, ainda, que não é comum ver estudantes dançarinos no âmbito da disciplina de canto coral.

Assim sendo, tanto os estudantes de Pedagogia quanto os de Canto Coral tiveram a oportunidade de vivenciar atividades, favorecendo, assim, a troca de conhecimentos entre discentes de duas disciplinas que tomam a música como foco de suas atividades, porém com objetivos diferentes.

Práticas musicais no curso de Pedagogia: período 2026.1

Werle (2011) ao refletir sobre o processo de formação de estudantes de pedagogia diz que

> [...] é fundamental que a formação acadêmico-profissional das professoras de educação infantil e anos iniciais contemple a educação musical, de modo que as possibilite pensar e agir musicalmente em seu fazer docente. Para tanto se faz necessário ampliar a concepção que se tem acerca do que seja fazer música. (p.87)

Nesse sentido, durante o período 2026.1, no intuito de ampliar a concepção de música das estudantes, realizamos diversas práticas musicais na disciplina Arte na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, do curso de Pedagogia da UFCG. Dentre essas, escolhemos aquelas que consideramos mais relevantes para a formação musical das estudantes de Pedagogia. Refletiremos, assim, em torno de atividades relacionadas à contação de histórias sonorizadas, ao uso da palavra falada e à pesquisa de sons do ambiente.

A contação de histórias sonorizadas é uma prática muito comum na área de educação musical para criança pequena (Brito, 2003; Werle, 2011; Reys, 2011; Cunha, 2019). No curso de Pedagogia (Rodrigues, 2021), enfatizamos essa prática como meio lúdico que possibilita inúmeras possibilidades de exploração sonora, dando vida a personagens ou até mesmo representando eventos da natureza como chuva, vento... e sons do cotidiano: abrir de porta,

andar, descer uma ladeira, pular... Essa produção sonora é realizada com fontes sonoras as mais variadas possíveis: sons do corpo, do ambiente, de instrumentos musicais alternativos e tradicionais, entre outros. Para Reys (2011)

> [...] histórias representam um meio eficiente de se trabalhar conteúdos musicais como percepção, caráter expressivo e forma, o uso da voz e o manuseio de instrumentos, a partir de atividades consideradas prioritárias no processo de desenvolvimento musical dos alunos. Assim, atividades de composição, apreciação e execução podem estar articuladas em um processo lúdico, no qual a experiência musical favorece a compreensão de conceitos específicos. (p. 70)

Especialmente, no período 2026.1, as alunas do curso de Pedagogia, no ato da contação das histórias criadas por elas, usaram o ukulelê para acompanhamento de canções e também, para fazer efeitos sonoros, representando cenas e personagens.

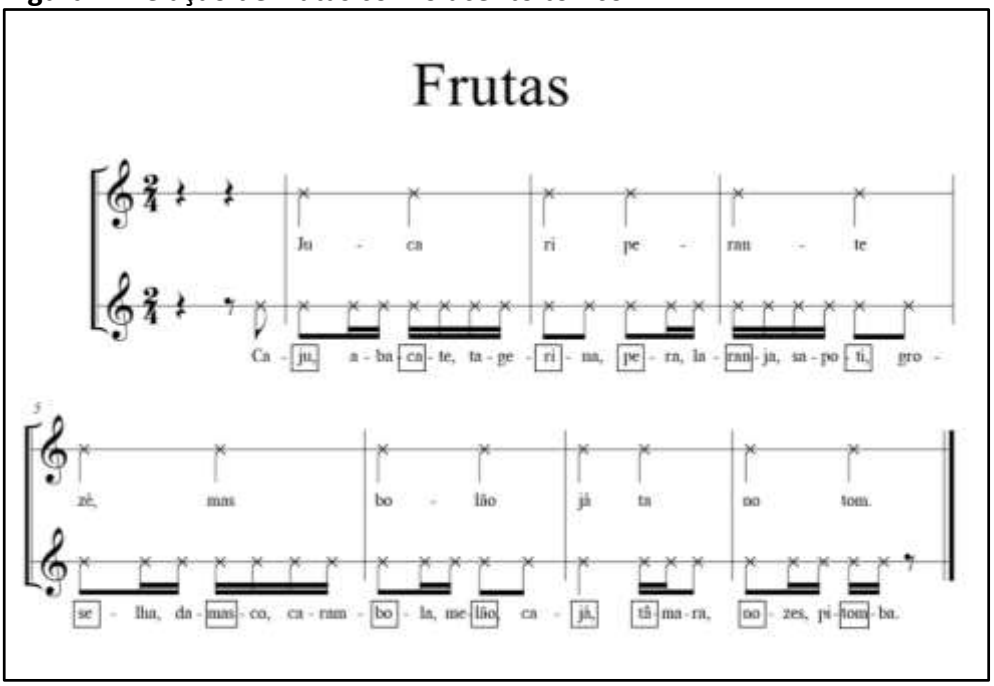
Na contação de histórias a voz é tomada como um instrumento precioso, pois pode-se utilizá-la de diferentes maneiras realizando sons onomatopaicos, estalo de língua, assovio, sons guturais, entre outros. Enfim, há uma infinidade de possibilidades de exploração da voz que são verdadeiros coadjuvantes na contação de histórias que, juntamente a outras fontes sonoras mencionadas acima, constituem um amplo campo sonoro que pode ser utilizado para o ato de contar histórias. Ressaltamos que preferimos criar as nossas próprias histórias com as alunas do curso de Pedagogia. Isso estimula a criatividade, deixando que elas criem situações, muitas vezes, inusitadas.

No intuito de refletir em torno da prática musical que se segue, faz-se necessário destacar seu ponto de partida, que ocorreu numa escola pública de Educação Básica, quando uma professora de português, ao saber que eu iria lecionar música, levantou a seguinte questão: para que ensinar música se os alunos nessa escola não sabem nem separar sílabas e não sabem o que é acento tônico das palavras? Vê-se que, naquela escola, o índice de analfabetismo era muito alto.

Foi assim que, a partir da fala da referida professora, surgiu a ideia de realizar uma atividade utilizando nome de frutas, tomando como base a ideia de Orff (*apud* Penna, 2012), que associa o ritmo e a fala. Assim sendo, fizemos uma relação, no quadro, de uma sequência

de nomes de frutas (Figura 1). Ao lermos, deveríamos bater a pulsação de tal forma que o acento tônico coincidisse com as palmas, como se vê abaixo:

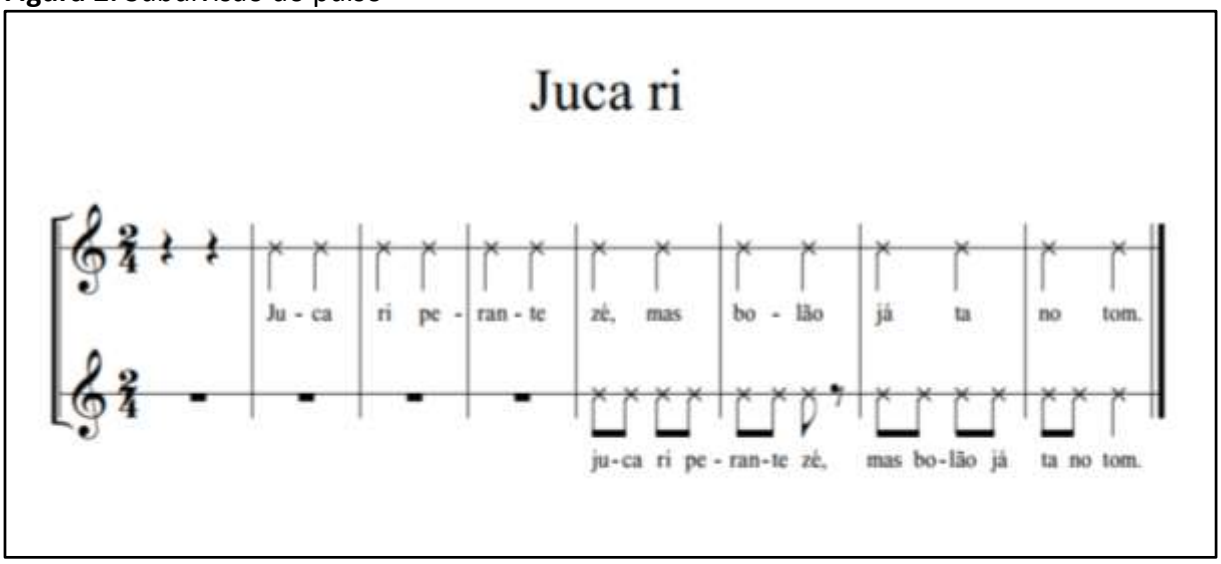
Figura 1: Relação de frutas com o acento tônico



Fonte: Acervo pessoal da autora (2026). Transcrição musical de Jackson Batista Domiciano

Após esse primeiro momento, dividimos a sala em dois grupos: o primeiro falava toda a sequência do texto, percutindo a pulsação com as palmas, enquanto o segundo deveria falar somente o acento tônico das palavras que, sequenciando-as, formavam a seguinte frase: Juca ri perante Zé, mas Bolão já tá no tom. Dessa maneira, posteriormente, realizamos a recitação a duas vozes, utilizando somente a frase formada. A primeira voz falava a frase separando as sílabas, batendo o pulso com as palmas. A segunda realizava a subdivisão do pulso (Figura 2). Esse exercício foi realizado sob a regência da professora, autora deste trabalho.

Figura 2: Subdivisão do pulso



Fonte: Acervo pessoal da autora (2026). Transcrição musical de Jackson Batista Domiciano.

Seguindo a proposta acima, essa mesma atividade foi realizada com alunas do curso de Pedagogia, no entanto, utilizando nome de pessoas. E, da mesma forma que a atividade acima foi conduzida, o acento tônico deveria formar uma frase. Assim sendo, salientaremos a atividade de um grupo que construiu uma frase a partir do acento tônico de uma lista de nomes próprios. Os nomes selecionados foram: **Ber**to, **Mú**cio, **Dá**vila, Mari**a**na, **Má**vis, I**re**ne, **La**ra, A**mé**lia, **N**ice, A**ná**lia**, Sa**les, **Pé**ricles, **Cá**tia, **Fú**vio, **Já**der, Dan**dá**ra, A**qui**les. Eis a frase formada a partir do acento tônico dos nomes escolhidos ditos em sequência: Bermuda amarela, menina sapeca, fuja daqui. Muitas são as possibilidades de sobreposição desses nomes com a frase formada. Em uma turma mais adiantada, por exemplo, pode-se acrescentar a realização do ritmo real da frase formada.

É interessante notar que essa atividade pode ser desenvolvida com uma sequência de nomes de diversos objetos ou até mesmo com nomes de cidades, países, dentre outros. É preciso, apenas, observar se o acento tônico, ao ser falado sequencialmente, irá formar uma frase. Além disso, pode-se realizar momentos de improvisação coletiva por meio dos nomes elencados, como exemplo: falar o nome Berto em *glissando* ou criando-se um ostinato, enquanto os outros leem a frase separando as sílabas.

Outra prática musical relatada a seguir, emergiu de uma observação realizada em sala de aula. O fato de chegarem muito cedo de várias cidades circunvizinhas, vez por outra, ao

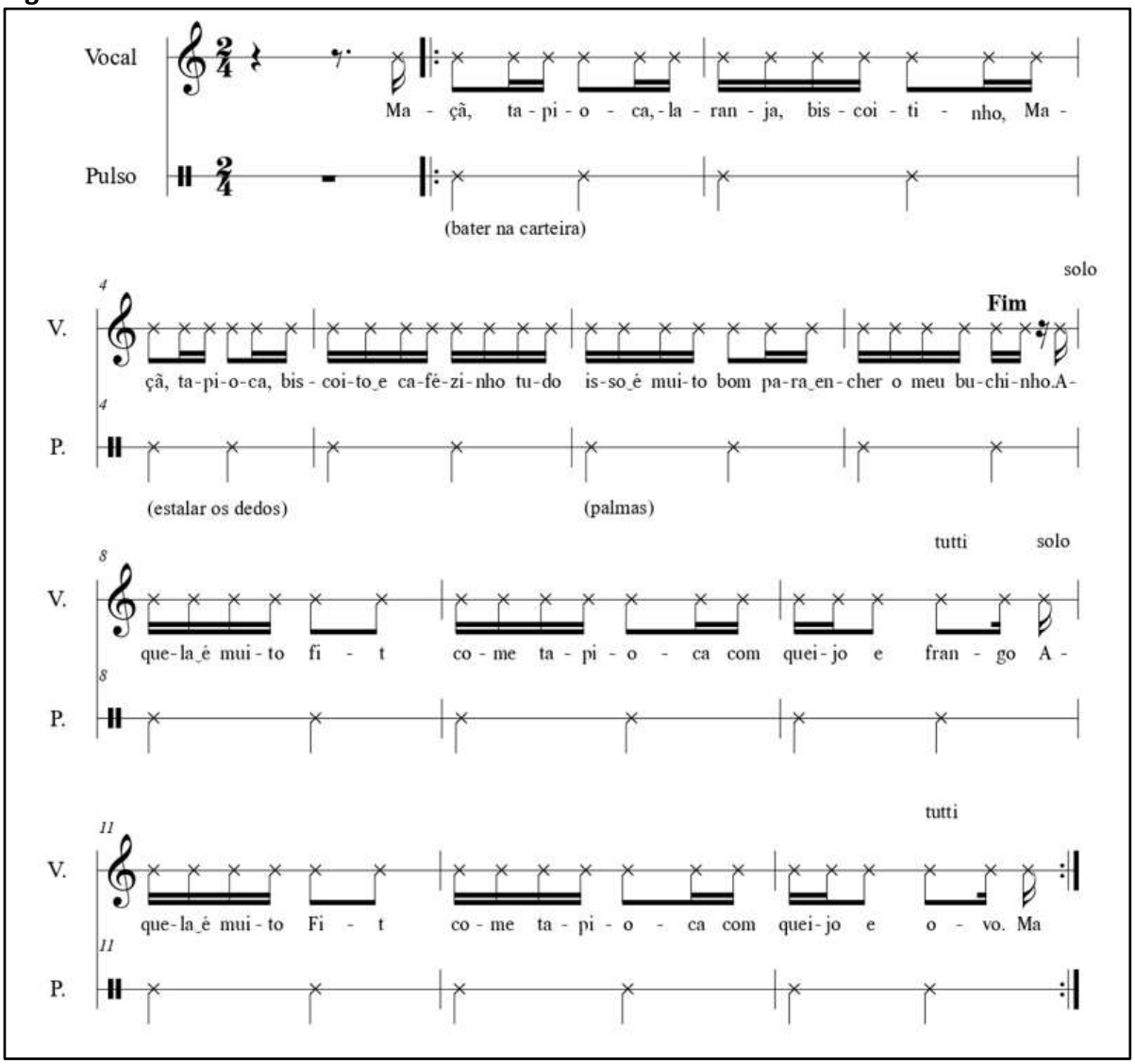
entrar na sala de aula, encontro as alunas lanchando. Isso me chamou a atenção e, nesse contexto, elaboramos uma atividade com um texto construído coletivamente, fazendo referência aos alimentos que elas comiam (Figura 3). Esse texto serviu de apoio para realizarmos uma vivência com a fala[1] ritmada. Para Maura Penna (2012),

> [...] a fala é um meio, um recurso para a educação musical, o trabalho pedagógico deve sempre levar à aquisição dos conceitos musicais, delineados para o aluno de uma maneira bastante geral, para que possam ser aplicados à música que ouve em seu ambiente, servindo como base para a sua compreensão crítica (p. 226).

Para interpretarmos essa fala com acompanhamento percussivo, as estudantes executavam a pulsação batendo em locais diferentes: na carteira, estalando os dedos e palmas. Ainda, para realizarmos variações na forma de interpretar, escolhemos uma aluna que fez o papel de solista, enquanto as outras faziam o *tutti* (Figura 3) em determinados trechos.

[1] Ver tese de doutorado de Rodrigues (2012)

Figura 3: Partitura com nome de alimentos



Fonte: Acervo pessoal da autora (2026). Transcrição musical de Jackson Batista Domiciano
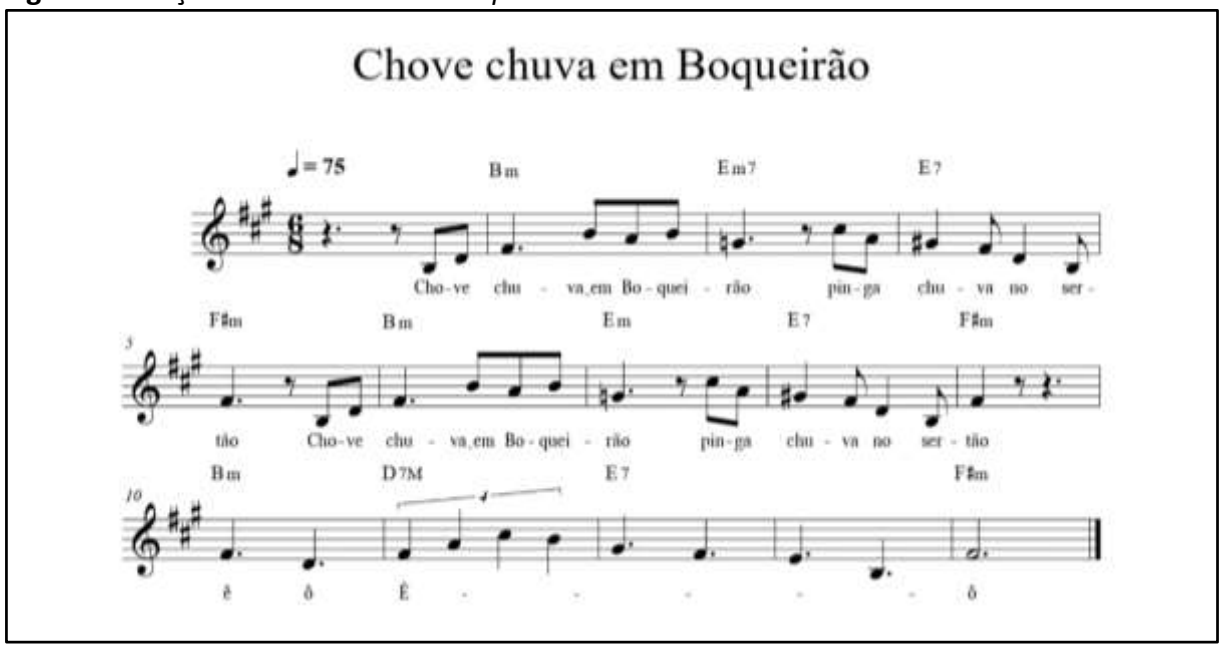
Muito embora simples, essa atividade permitiu a vivência da pulsação e de outros elementos que compõem a linguagem musical. Além disso, as estudantes participaram ativamente e se engajaram na proposta de maneira participativa.

Sabe-se que o uso de chaves como recurso em atividades musicais é uma estratégia amplamente utilizada. Nesse sentido, Schafer (2018) apresenta uma proposta, instigando os participantes a reconhecerem timbres advindos dos mais variados molhos de chaves. No nosso caso, entretanto, utilizamos as chaves para a realização de uma composição coletiva, como veremos adiante.

No intuito de experimentar propostas didático pedagógicas com base na estética da música contemporânea, realizamos pesquisa de diferentes fontes sonoras advindas da bolsa das estudantes. Como a maioria delas tinha molhos de chaves, solicitamos, inicialmente, que pesquisassem sons que poderiam ser realizados com as chaves: sacudir, arranhar na carteira, bater na parte de metal da carteira, entre outros. Começamos, então, a organizar os sons, agrupando-os de acordo com suas características.

Logo após, sob a orientação da professora que exercia, naquele momento, o papel de regente, iniciou-se o processo de composição com sons de chaves. Interessante perceber que aqueles sons lembravam chuva. Naquele instante, improvisadamente, a regente cantarolou um pequeno aboio (Figura 4):

Figura 4: Canção *Chove Chuva em Boqueirão*



Fonte: Rodrigues (2026). Transcrição musical de Jackson Batista Domiciano

Dessa maneira, logo a seguir, gravamos essa composição no intuito de avaliarmos o que tinha sido feito. Em seguida, algumas alunas assumiram o papel de regente e, assim, deu-se início a uma nova composição, a uma nova maneira de organizar os sons.

Ao final desta atividade, percebemos que as estudantes tiveram a oportunidade de realizar uma atividade diferenciada, estreitando o caminho entre o compositor-intérprete-

ouvinte. Além disso, puderam pôr a mão na massa para fazer música com criatividade, por meio de materiais sonoros antes utilizados com outros fins, como as chaves.

Por último, analisaremos uma prática musical com foco na escuta da paisagem sonora do ambiente da sala de aula e do ambiente externo a ela. Com base em Schafer (1991), realizamos uma escuta atenta aos sons desses diferentes ambientes. Assim sendo, foi solicitado à turma do período 2026.1 que anotassem os sons escutados e gravassem, nos celulares, os sons que considerassem mais interessantes. Dessa maneira, ao retornarem à sala de aula, as estudantes leram os sons registrados e, seguidamente, ouvimos todas as gravações.

Em seguida, lançamos a ideia desafiadora e inusitada: cada estudante, sob nossa regência, deveria dar o *play* no áudio dos sons gravados. Como resultado, uma massa sonora emergiu naquele ambiente, remetendo-nos a uma feira. Uma aluna sugeriu acrescentar pregões para enfatizar, ainda mais, a paisagem sonora de uma feira. Por fim, observamos que as alunas participaram com entusiasmo. Ao avaliarmos a atividade, as alunas comentaram que observar os sons ao redor, captando-os com o celular, tinha sido uma oportunidade única, o que provocou uma escuta mais atenta aos sons da vida cotidiana.

Considerações finais

O curso de Pedagogia da UFCG, por meio da disciplina Arte na Educação Infantil nos Anos Iniciais, vem desenvolvendo práticas musicais, contribuindo com o processo de formação musical das pedagogas. Fruto de uma longa jornada, evidenciamos, neste artigo, algumas atividades que consideramos relevantes no processo de ensino aprendizagem musical.

A cada nova turma, buscamos entender o perfil das estudantes para, posteriormente, aproveitar as experiências prévias ou até mesmo o interesse delas no momento presente da sala de aula. Na nossa prática musical, buscamos sempre a participação das alunas. Ressaltamos que foram nos diálogos estabelecidos, nos momentos de escuta, de análise das ideias umas das outras, nas relações afetivas, nos momentos de criação musical coletiva que se instituiu o processo de formação das estudantes.

Algumas atividades abordadas são bem conhecidas, mas o contexto, as adaptações e as variações criadas as tornam únicas. Por fim, espera-se que este relato possa incentivar pesquisadores da área, ampliando, assim, as possibilidades de fazer música com estudantes de Pedagogia.

Referências

BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro; FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira de. Cai, cai balão… Entre a formação e as práticas musicais em sala de aula: discutindo algumas questões com professoras não especialistas em música. *Música na Educação Básica*. Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 36-45, 2009. Disponível em: <https://revistameb.abem.mus.br/meb/article/view/112/34>. Acesso em: 21 set. 2026.

BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro (org.). *Educação musical e unidocência: pesquisas, narrativas e modos de ser do professor de referência*. Porto Alegre: Sulina, 2017.

BRITO, Teca Alencar de. *Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança*. 2. ed. São Paulo: Peirópolis, 2003.

CUNHA, Sandra Mara da. Caixinha com sons na educação infantil. *Música na Educação Básica*, v. 9, n. 10/11, p. 8-17, 2019. Disponível em: <https://revistameb.abem.mus.br/meb/article/view/191/97>. Acesso em: 21 set. 2026.

FELIZ, Júlio. *Instrumentos sonoros alternativos: manual de construção e sugestões de utilização*. Campo Grande, MS: Editora Oeste, 2002.

PENNA, Maura. *Música(s) e seu ensino*. 2. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Sulina, 2012.

REYS, Maria Cristiane Deltregia. Era uma vez... Entre sons, músicas e histórias. *Música na Educação Básica*, v. 3, n. 3, p. 68-83, 2011. Disponível em: <https://revistameb.abem.mus.br/meb/article/view/39/174>. Acesso em: 21 set. 2026.

RODRIGUES, Marisa Nóbrega. *O espetáculo semiótico do Cancioneiro da Paraíba: canto, gesto e verbalização.* 2012. 258 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

RODRIGUES, Marisa Nóbrega. Sonorizando histórias infantis com unidocentes em formação do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande: um relato de experiência no ensino remoto. *In*: XXV CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 2021. *Anais [...]*. Disponível em:

<http://abemeducacaomusical.com.br/anais_congresso/v4/papers/805/public/805-4343-1-PB.pdf>. Acesso em: 21 set. 2026.

RODRIGUES, Marisa Nóbrega. *Chove chuva em Boqueirão*. [S. l.], [s. d.]. Partitura.

SCHAFER, Raymond Murray. *OuvirCantar: 75 exercícios para ouvir e criar música*. Tradução de Marisa Trench de Oliveira Fonterrada. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

SCHAFER, Raymond Murray. *O ouvido pensante*. Tradução de Marisa Trench de O. Fonterrada, Magda R. Gomes da Silva, Maria Lúcia Pascoal. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

SCHNEIDER, Jade da Rosa; BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. Formar-se em grupo: narrativas e (auto)formação de professores(as) de música. *Revista da Abem*, [s. l.], v. 34, n. 1, e34105, 2026. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/1514/767>. Acesso em: 21 set. 2026.

WERLE, Kelly. Sonorizando histórias e discutindo a educação musical na formação e nas práticas de pedagogas. *Música na Educação Básica*, v. 3, n. 3, p. 84-95, 2011. Disponível em: <https://revistameb.abem.mus.br/meb/article/view/40/175>. Acesso em: 21 set. 2026.